

1. A alegria é um assunto sério

Um dos principais propósitos deste Curso de Formação Monástica é ajudar os participantes a aprofundar e amadurecer sua vocação, em particular a vocação monástica seguindo São Bento, que por sua vez seguiu os mestres de vida monástica que o precederam: Santo Antão e os outros pais e mães do deserto, Santo Agostinho, São Basílio, Cassiano etc.

Para aprofundar o que significa a vocação monástica, é preciso, antes de tudo, partir de um aprofundamento do que significa uma vocação cristã, a vocação de cada pessoa batizada chamada a seguir Jesus Cristo. É um tema tão importante, que seu aprofundamento não pode ser esgotado em um único curso, ou mesmo em muitos cursos, porque é uma realidade a qual cada um de nós deve fazer experiência ao longo de toda a sua vida. Quando vemos o caminho dos apóstolos durante os três anos vividos com Jesus e após sua Ressurreição e Ascensão, fica claro que para seguir Jesus é necessário um contínuo aprofundamento do que isso significa para nós, para entender sempre novos aspectos, ou para entender de novo aspectos que pensávamos já ter entendido, mas que a vida nos incita a reconsiderar sob outros pontos de vista.

Durante este Curso, gostaria de aprofundar um aspecto essencial da vocação cristã e, portanto, monástica, um aspecto que corremos sempre o risco de banalizar ou negligenciar: **a alegria**. Parece-me importante aprofundá-lo também porque o tempo em que vivemos parece levar-nos a negligenciar a alegria na vocação, a considerá-la com superficialidade e volubilidade. Em vez disso, a alegria é, paradoxalmente, uma coisa séria, talvez a coisa mais séria da vida. Quem não leva a sério a sua alegria não é feliz. Quem a vive com volubilidade, perde-a e perdendo-a percebe que tudo perde sabor e beleza, mesmo as realidades mais importantes e sagradas da vida humana.

É significativo que São Bento nos convide a viver as renúncias da Quaresma "*cum gaudio Sancti Spiritus* – com a alegria do Espírito Santo" (RB 49,6), ou seja, que nos convide a cultivar a alegria precisamente quando a disciplina ascética se intensifica. Vocês sabem que São Bento diz que a Quaresma é o tempo no qual os monges e monjas retornam à verdade da sua vocação. "Se bem que a vida do monge deva ser, em todo tempo, uma observância de Quaresma, como, porém, esta força é de poucos, por isso aconselhamos os monges a guardarem, com toda a pureza, a sua vida nesses dias de Quaresma e também a apagarem, nesses santos dias, todas as negligências dos outros tempos" (RB 49,1-3).

Isto, porém, vale para todos os batizados, porque toda a Igreja vive a Quaresma. O que significa que a vocação monástica, tal como a concebe São Bento, é um chamado a ir ao fundo da vocação cristã, da vocação batismal, que consiste em encontrar na fé em Cristo Redentor e na comunhão com Ele a plenitude de vida para a qual cada ser humano é querido, criado e amado por Deus.

Quando São Bento pede que vivamos as renúncias da Quaresma "com a alegria do Espírito Santo", faz-nos então compreender que o tema da alegria é indissociável do tema da vocação fundamental de cada homem, que é o chamado a encontrar em Cristo a plenitude da vida, a vida eterna.

Mas também nos faz compreender que esta plenitude de vida e alegria nos é dada na adesão ao mistério pascal, nos é dada em Cristo morto e ressuscitado por nós, isto é, no mistério para o qual o tempo da Quaresma quer nos conduzir. E uma vez que a vida monástica deveria ser sempre uma Quaresma, entendemos que o que deve sempre orientar a vida dos monges e monjas, como a vida de todo cristão, é a Páscoa. Com efeito, todo o ano litúrgico tem como origem, centro e escopo a celebração da Páscoa do Senhor.

No mesmo capítulo 49 da Regra, sobre a observância da Quaresma, São Bento expressa essa realidade de forma muito incisiva ao dizer que cada monge "subtraia ao seu corpo algo da comida, da bebida, do sono, da conversa, da escurrilidade, e, na alegria do desejo espiritual, espere a Santa Páscoa – *et cum spiritualis desiderii gaudio sanctum Pascha expectet*" (RB 49, 7).

Esta passagem da Regra é uma síntese excelente para compreender a natureza da alegria cristã e como essa esteja ligada ao realizar-se no Cristo ressuscitado da nossa humanidade, de toda a nossa humanidade. Espero que os Capítulos deste ano nos ajudem a aprofundar e assimilar esta concepção da vocação e da alegria. Espero que assim seja porque quanto mais os anos passam e acumulo experiências visitando comunidades e mosteiros e encontrando monges e monjas, mas também muitos religiosos, sacerdotes, leigos das diferentes culturas, de diferentes idades e sensibilidades, bem: cada vez mais é evidente para mim que é inútil enfrentar os muitos problemas e as muitas dificuldades que surgem se não retornamos sempre de novo ao problema fundamental da vida, da vocação: o de desejar e encontrar a alegria de Cristo, a alegria em Cristo como plenitude da nossa humanidade.

E como é importante nos ajudar nisso, nos formar nisso! Normalmente um jovem, um adolescente, carrega dentro de si esse anseio de alegria e sente o drama que sua busca comporta, ou seja, sofre com a falta de uma alegria verdadeira. Por isso na adolescência estamos frequentemente tristes, de uma tristeza verdadeira, porque o coração sofre por não ter aquilo para o qual foi feito. Depois, com o passar do tempo, frequentemente é como se falsas alegrias conseguissem cobrir esse anseio, conseguissem, como drogas, anestesiarem o desejo ardente do coração por sua plenitude. Isso o percebemos também em nós, o percebemos também nos mosteiros, o percebemos também naqueles que são maduros na fé, naqueles que estão comprometidos com a Igreja. É como se negligenciássemos o coração da vida, distraídos de tudo o que somos e fazemos. Assim, nos encontramos vivendo e agindo sem alegria, sem paixão, sem vida.

É por isso que acho brilhante o que Bento nos aconselha no capítulo sobre a Quaresma, porque nos ajuda exatamente a redescobrir o coração do nosso coração, a alma da nossa alma, aquilo que sufocamos sob o comer, o beber e o dormir, sob as conversas e alegrias superficiais que nos dissipam. Hoje São Bento teria certamente acrescentado o uso da Internet, dos celulares, das redes sociais, sob tudo aquilo, enfim, que impede a uma profunda fonte de jorrar e fluir na nossa vida: a fonte do desejo espiritual que com alegria espera a Páscoa, que anseia como a corça pela água viva que brota do coração do Ressuscitado.

Eis que assim iniciamos o percurso deste ano antes de tudo tomando consciência de como e quão distraídos estamos desta fonte silenciosa de desejo de Cristo – nossa vida e nossa alegria –, como o é o nosso coração.